

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.ºs	Semestre 18 n.ºs	Trim. 9 n.ºs	N.º à entrega
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3\$800	1\$900	6950	5120
Possessões ultramarinas, (idem).....	4\$000	2\$000	-3-	-5-
Estrangeiro (união geral dos correios).....	5\$000	2\$500	-5-	-5-
Brazil (moeda fraca).....	15\$000	7\$500	-5-	-5-

6.º ANNO — VOLUME VI — N.º 146

11 DE JANEIRO 1883

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO

LISBOA, RUA DO LOBETO, ENTRADA PELA RUA DAS CHAÇAS, 42

Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empresa.

CHRONICA OCCIDENTAL

Portugal, e o mundo inteiro foram surpreendidos ha dias por uma noticia terrivel e imprevisita, a morte de Léon Gambetta.

O grande tribuno francez estava de ha muito doente, mas nada fazia prever este fatal e rapido desenlace d'uma enfermidade de que se esperava triumphasse a sua idade ainda viril e forte, e a

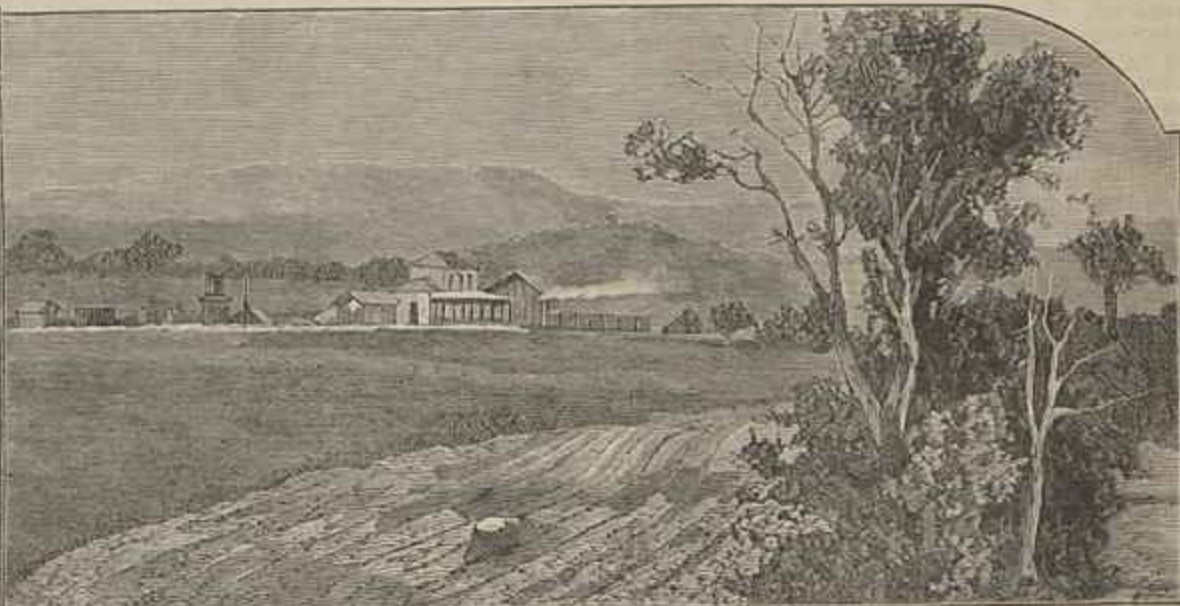
sciencia, representada junto do seu leito pelas maiores summidades medicas da França.

Foi portanto com assombro que toda a gente leu no dia 1 de janeiro aquelle sinistro e laconico telegramma da Agencia Havas.

Paris, 1 de janeiro. Léon Gambetta morreu á meia noite.

Demais a mais o *Figaro* de Paris, o jornal francez mais lido em Lisboa, tinha feito uma extraordinaria e incomprehensivel *blague* com a

doença de Gambetta, tinha nos primeiros dia d'essa doença exagerado tanto a sua gravidade com um tom comico, que só se podia comprehender desde o momento em que essa doença não tivesse a mais ligeira importancia, e a noticia da morte de Gambetta dada assim inesperadamente, laconicamente, parecia á primeira vista a ultima palavra d'essas facécias lugubres, que o espirito faccioso do jornal do sr. Magnard accumulára em torno do leito do grande orador francez



CAMINHOS DE FERRO PORTUGUEZES — TUNNEL DA ABRUNHOSA — ESTAÇÃO DE CELORICO — TUNNEL DE MOURILLO, NO CAMINHO DE FERRO DA BEIRA ALTA

(Segundo photographias de Illet). — Vid. artigo Caminho de Ferro da Beira no vol. v

Infelizmente não era. A França acabara realmente de perder um dos seus maiores homens, a política europeia um dos seus vultos mais grandiosos e sympathicos, o século XIX uma das suas figuras mais salientes e importantes.

A morte de Gambetta causou profunda sensação em todo o mundo politico. De todas as partes as manifestações de sentimento pela perda do grande homem e de sympathia pelo seu grande paiz marcaram na historia contemporanea essa lugubre data.

De Portugal ergueram-se tambem vozes sympathicas e nobres enviando á França a homenagem da sua estima e do seu pezar, entre ellas a voz possante e entusiastica da mocidade academica, e apenas o parlamento portuguez se conservou silencioso, ante esse morto immortal, continuou o triste e empotente mutismo que começou ao pé da cova de Garibaldi, para mostrar bem eloquentemente quanto a representação nacional não representa de forma alguma a nação.

Em torno da morte de Gambetta formou-se logo uma lenda romantica de assassinato. A autopsia feita ao cadaver do grande tribuno destruiu completamente essa lenda, nos seus resultados fataes. Ferido ou não ferido pela bala do revolver de uma mulher, — em todo o caso um romance intimo que não tem nada que ver com o banho de Marat — não foi d'esse ferimento que Gambetta morreu. A doença que originou a morte exacerbando-se, era antiga já, e Gambetta succumbiu, segundo o auto de autopsia, assignado pelos nomes mais illustres da sciencia da França, a uma perityphlite e pericolyte suppurada.

O enterro de Gambetta foi a manifestação mais extraordinaria, a apothese mais colossal, que se tem feito nos tempos modernos. O caixão do grande estadista desapareceu totalmente sob uma montanha de 5 mil corôas symbolicas, enviadas pela França inteira; e em frente do corpo de Gambetta, envolto na bandeira tricolor, desfilarão mais de 300 mil pessoas.

Não é aqui o lugar para fazer a biographia de Gambetta, para fazer a sua apothese historiando o papel colossal e brilhante que elle desempenhou na França de 1870; o OCCIDENTE occupar-se-ha largamente d'esse homem glorioso, que enche as paginas mais notaveis e brilhantes da historia moderna da Europa; e nós cremos representar muito mais a opinião nacional do que os seus representantes officiaes, deixando aqui registado o voto de sentimento de Portugal pela morte de Leon Gambetta.

Ao mesmo tempo que perdia Gambetta, a França perdia tambem um dos seus bons e leaes generaes, o general Chanzy. Entretanto, na morte, do mesmo modo que na vida, os maiores offuscam os mais pequenos, e a morte de Chanzy que em qualquer outra occasião teria sido um acontecimento em França passou quasi despercebido ao pé da morte de Gambetta, que foi mais que um acontecimento, foi uma catastrophe.

— Em Lisboa desceu tambem ao tumulo um morto illustre e querido dentro do seu partido, o legitimista, e da sua classe, o jornalismo, onde todos, na grande maioria seus adversarios politicos, prestaram justiça á sua intelligencia clara e ao seu character honrado, o sr. D. Jorge de Lócio, redactor principal da *Nação*.

Foi um espectáculo imponente o do enterro d'esse jornalista antigo, que viveu e morreu abraçado aos antigos ideaes politicos, combatendo denodadamente contra toda a imprensa de Portugal, que nunca o poupou no ataque.

Quando a morte chegou, todas as luctas e odios acabaram. Os jornalistas liberaes, não viram no cadaver do seu adversario d'hontem senão o cadaver d'um collega, e curvaram-se todos diante d'esse que passou, e levaram-n'o ao tumulo com a homenagem sincera e grandiosa do seu respeito e da sua saude.

Nós, que não pudemos, por doença, ir acompanhar a sua ultima morada o honrado jornalista legitimista, deixamos aqui registado o voto de sentimento pela sua morte, e o nosso pezar ao partido que hoje deplora a perda d'um dos seus mais leaes e illustres correligionarios.

— A Associação dos Jornalistas promoveu um sarau litterario e musical no theatro de S. Carlos, na noite de 8 do corrente.

Foi uma festa artistica brilhante esse sarau em que tomaram parte as sr.^{as} Pasqua, De Reské e Torrosella, os srs. Barbacini, Aldighieri, Sivoi, De Reské, e Navarini, os maestros Dalmay, Ponteschi e Bonafous, os coristas e a orchestra de S. Carlos e os distinctos escriptores e jornalistas os srs. Pinheiro Chagas e Christovão Ayres.

Todos os artistas foram muito applaudidos, o sr. Christovão Ayres teve muitos applausos na bella poesia sua que recitou, mas as honras da noite couberam incontestavelmente á illustre

prima dona a sr.^a Pasqua, que cantou esplendidamente *El campo santo* e ao grande escriptor e parlamentar Pinheiro Chagas que teve uma ovação enorme no bello e eloquente discurso com que inaugurou o sarau, um dos mais felizes e brilhantes discursos que se tem pronunciado na nossa terra.

E o triumpho do eminente orador foi tanto maior quanto maior era a difficuldade a vencer: impôr-se pela auctoridade do seu talento e da sua voz, a uma sala enorme como a de S. Carlos, completamente cheia do publico mais variado, e nada habituado aos discursos n'aquelle palco consagrado exclusivamente a opera lyrica.

Pinheiro Chagas logo ás primeiras palavras foi senhor dos espectadores, avassalou-os, conquistou-os com a sua eloquencia prodigiosa e o seu talento excepcional.

D'alli a momentos o seu discurso era cortado a todo momento por bravos entusiasticos e unisonos, como se Gayerre estivesse cantando o *spirito gentil*. Por muitas vezes o grande orador teve de se calar para deixar serenar a ruidosa tempestade de applausos promovida pela sua phrase primorosa.

Esse discurso foi uma obra prima oratoria, e quando o illustre orador se referiu a S. M. a Rainha com uma phrase galante e elegantissima, como raras vezes temos visto formular em linguagem portugueza, a sala irrompeu n'uma ovação delirante.

O final do discurso foi um triumpho completo e enorme, colossal, o mais ruidoso e entusiastico que temos visto alcançar a um orador.

Repetidas vezes chamado ao palco, no fim do seu discurso, victoriado, n'uma ovação apothetica, Pinheiro Chagas d'icidiu logo do exito da noite, e aquella festa estava consagrada d'aquelle momento como uma das mais brilhantes e entusiasticas noites que se tem passado no theatro de S. Carlos.

Immediatamente ao discurso, S. M. El-Rei e S. M. a Rainha mandaram pedir ao grande orador, pelo sr. marquez d'Alvito, que fosse ao camarote real, e ali lhe agradeceram e applaudiram a sua brilhante e extraordinaria oração.

Tinhamos entre outros mais dois assumptos importantes para a nossa chronica que temos que addir por falta de espaço: — a reforma do grande actor Taborda, e a representação do *Divorcio* nos pela extraordinaria actriz Lucinda Simões. Entretanto não deixaremos para mais tarde os parabens a Taborda, o nosso primeiro actor pela justiça que lhe fez o parlamento e o registrar desde já aqui, como o maior successo artistico do nosso tempo o desempenho do *Divorcio*, por Lucinda Simões. Ao ver no dia 5 o *Divorcio* nos no theatro dos Recreios o publico de Lisboa comprehendu, que apesar de ser essa comedia uma das mais bem representadas pela actriz Marini, era contudo a primeira vez que Lisboa via representar a deliciosa comedia de Sardou.

Gervasio Lobato.

ANTONIO LOPES MENDES

Encetando, n'este numero do OCCIDENTE, a publicação de uma série de cartas, que do Brazil nos dirige o sr. Antonio Lopes Mendes, entendemos nosso dever dar cabida ao retrato do illustre cidadão, que vae, no continente americano, continuar as nobilissimas tradições do nosso velho Portugal. Desde que o illustre navegador Pedro Alvares Cabral aprofundou ás terras de Santa Cruz, até ao momento em que escrevemos estas linhas, ainda Portugal não deixou de enviar áquelle abençoado paiz a melhor parte do seu mais generoso sangue. O nosso amigo, na sua febre de ver e de saber, vae por iniciativa propria estreitar o abraço fraterno que une os dois povos irmãos: e se na esfera do Brazil estão proximos a traçar-se novos parallelos, será ainda ás quinas portuguezas que pertencerá essa missão gloriosa.

A biographia de Lopes Mendes não está ainda escripta nem tão cedo por fortuna poderá escrever-se. Basta por agora que digamos que o novo explorador do Amazonas, que ouza emprender sua missão, no dia seguinte áquelle em que nos chega á noticia o massacre de Crevéaux nas margens do Pylcomayo, é um portuguez das montanhas do norte do paiz, que passou a sua meninice a contemplar das eminencias a natureza. O seu berço em Villa Real de Traz-os-Montes abriu-lhe logo horizontes vastissimos. Passou a adolescencia e a juventude nas escolas educando as aptidões de um elevado es-

pirito e d'ellas saiu para ir servir o seu paiz, onde mais havia que batalhar com a natureza, conquistando areas e pragaes para a cultura; e na virilidade eil-o que vae caminho da India portugueza conquistar pela sciencia o que pelas armas nossos maiores jámais poderam conquistar. Quando as nossas colonias do ultramar deixarem de ser nossas, quando os monumentos da nossa civilização indiana tiverem sido obliterados pelo pó das ruinas, hão de viver os restos do nosso antigo esplendor nos trabalhos, que em nove annos de aturada investigação Lopes Mendes ali colleccionou, e que esperam a luz publica, dos elevados sentimentos de patriotismo que sempre nobilitaram a colonia portugueza do Rio de Janeiro.

Os leitores do OCCIDENTE hão de ter ensejo de completar este pequeno artigo em presença das cartas que Lopes Mendes nos dirige e dos conscienciosos desenhos com que as illustra.

Silva Mattos.

CARTAS DE A. LOPES MENDES

AO SEU AMIGO

DR. AUGUSTO CESAR DA SILVA MATTOS

1.^a Carta

Rio de Janeiro, 16 de novembro de 1882.

Amigo Mattos. — Na minha carta de 5 do corrente mez disse-lhe como tinha sido recebido por Sua Magestade o Imperador, pela imprensa da capital do imperio, e por muitas pessoas distinctas da corte. Disse-lhe igualmente quão agradaveis foram as impressões recebidas ao entrar na esplendida bahia do Rio; e que o biblico paraizo terreal devia ter sido aqui e não entre o Euphrates e o Tigris, aonde os historiadores sagrados o designam.

Referindo-me ao clima, dizia-lhe, se bem me recorde, que na presente quadra primaveral o achava de uma amenidade deliciosa. Disse ainda, que Sua Magestade a Imperatriz era o prototypo da bondade; que as senhoras brasileiras eram elegantes, garbosas e muito sociaveis; e que tanto das nossas poicias aqui estabelecidas como dos brasileiros só tinha recebido finezas e atenções. Finalmente, que me sentia extremamente penhorado para com tudo e com todos.

Promettendo então escrever-lhe quando voltasse de Caravellas, para onde ia partir, vou hoje satisfazer a minha promessa.

No dia 24 de outubro ultimo recebi, por intermedio sr. conde de S. Salvador de Mattosinhos, nosso benemerito compatriota, um delicado convite para assistir á inauguração do trafego da *Estrada de ferro Bahia e Minas*, assignado pelos srs. Carlos Theodoro Bustamante, Francisco de Paula Mayrink, e José Pereira da Rocha Paranhos, emprezarios da referida estrada.

De facto, no dia 6 do corrente, ás 6 horas da manhã estavam a bordo do vapor *Maria Pia*, que nos devia conduzir a Caravellas levando a seu bordo os srs. conselheiro Lourenço de Albuquerque, ministro dos negocios estrangeiros, senador Christiano Ottoni, ministros da Italia e Suecia, desembargador Araripe, commendador F. de Paula Mayrink, Rocha Paranhos e suas ex.^{mas} esposas; Elysio Mendes e Alfredo Camarante, representantes da imprensa; Jose da Silva Pereira, capitalista; medicos, engenheiros, outros convidados e a musica allemã.

O sr. Silva Pereira foi a providencia de todos os excursionistas, que enjoaram ou se sentiram quebrantados pelas fadigas da viagem. Foi medico, enfermeiro, pharmaceutico e fornecedor gratuito de medicamentos a quantos careceram dos seus auxilios: foi até medico dos medicos! Silva Pereira é um character honesto e honrado; muito obsequioso; um capitalista muito conceituado pelos homens de bem; um verdadeiro philanthropo e portuguez de lei. É natural do Porto, viuvo e sem filhos; tem 64 annos de idade, conservando ainda o vigor e a energia dos 30; tem viajado muito; e sente-se disposto a proseguir na vida activa em quanto Deus lhe conservar a existencia.

Este cavalheiro, o sr. conde de Mattosinhos, e muitos outros dos nossos conterraneos, aqui residentes desde a infancia, são a prova evidente de que o clima do Brazil não é tão feio como muitas vezes o pintam em Portugal.

Voltemos á nossa excursão.

Às 2 1/2 horas da tarde do dia 8 atracou o *Maria Pia* á ponte da estrada de ferro, no lugar denominado Ponta d'Areia, distante tres kilometros da cidade de Caravellas.

Quasi ao mesmo tempo, surgia na barra o vapor *Barão de S. Felix*, procedente da Bahia, tra-

zendo a seu bordo os srs. conselheiros, Pedro Luiz Pereira de Sousa, dignissimo presidente da provincia, Carneiro da Rocha, deputado geral pelo circulo de Caravellas e ex-ministro da marinha; o sr. Faria da Rocha, secretario da presidencia, e vinte convidados.

Logo que fundeu, uma lancha a vapor embandeirada foi ao encontro do Barão de S. Felix e trouxe para terra os individuos que n'elle se achavam.

Na ponte estava postada uma guarda de honra com bandeira e musica, e as auctoridades de Caravellas, que esperavam o desembarque do presidente da provincia da Bahia e o ministro dos estrangeiros, para lhes offerecerem as boas-vindas.

Em seguida aos cumprimentos e apresentações do estylo, os convidados entraram — a convite do sr. commendador Miguel de Teive e Argollo, engenheiro chefe concessionario — nos magnificos trens que lhes estavam destinados, e dirigiram-se á elegante e confortavel habitação do dr. Martin, empreiteiro geral da estrada, havendo depois na estação principal um lauto banquete; durante o qual foram trocados muitos brindes.

O sr. conselheiro, Pedro Luiz, homem de fino trato, vastissima erudição e distincto poeta, dignou-se dirigir-me um delicado brinde; e não obstante ter agradecido logo a tão honrosa amabilidade e delicadeza, aqui reiterei hoje a s. ex.^a e a todos os convivas, que tão benevolmente a elle corresponderam, o meu cordeal agradecimento. O banquete terminou ás 11 horas da noite.

Às 5 horas da manhã do dia 9 partiu o trem inaugural da Ponta d'Areia em direcção á serra dos Aymorés — com os empregados e convidados. Na estação de Peruhipe que, como mostra o nosso desenho, estava toda embandeirada, com arcos triumphaes e cheia de fazendeiros allemães, senhoras e escravos da colonia Leopoldina, foi servido um grandioso copo d'agua.

Na estação provisoria de Aymorés, onde o comboio chegou ás 10 ¹/₂ horas da manhã, foi servido um opiparo lunch aos convidados. Aqui estavam reunidos todos os convidados de Santa Clara e de Philadelphia, com muitas senhoras, e os operarios da estrada. De um grupo de nove convidados, que de Philadelphia se dirigiram aos Aymorés, a fim de assistir á festividade da inauguração, apenas chegaram oito, ficando um d'elles, que dos outros se adiantou — morto na floresta, com o peito varado de lado a lado, por uma flecha dos selvagens *pojichás* e *puruntuns*, que o atacaram. A flecha tingida com o sangue da victima, foi offerecida ao sr. ministro dos estrangeiros.

...

A estrada de ferro Bahia e Minas é a primeira, no imperio do Brazil, construida por iniciativa particular e á custa dos proprios esforços da empresa.

Percorrendo um formoso valle de muitos kilometros de extensão, e uma enorme zona de floresta virgem, apenas interrompida por pequenas clareiras, aonde se acham estabelecidas povoações rurais, ou fazendas em via de prosperidade, necessariamente terá um grande futuro, devido não só a estas condições, como a ser destinada a ligar o norte de Minas Geraes com o oceano ao sul da Bahia, e a levar a luz da civilização aos povos aborigenes, que vivem em perfeito estado de natureza.

A paisagem que atravessa a estrada é esplendida.

Plana e pittoresca desde Caravellas até á orla da floresta virgem, torna-se bastante accidentada entre a estação de Mucury e a dos Aymorés.

Os terrenos — de natureza terciaria — comprehendidos entre os dois pontos extremos da linha inaugurada, são constituídos por accumulações de marnes verdes, de marnes schistosas, d'argillas calciferas, de calcareo terroso, de calcareo compacto associado com abundante sílica, e d'uma espessa camada de humus, que em muitos pontos attinge mais de um metro de espessura. Estes terrenos banhados por um grande numero de rios d'agua potavel, são notaveis pela sua fertilidade, e pela riqueza das produções necessarias e uteis dos tres reinos da natureza.

A zona sulcada pelo caminho de ferro tem um reino vegetal inteiramente dissimelhante do europeu: hervagens, arbustos, arvores, tudo em fim, parece seguir outras leis. A natureza n'esta região é sublime em suas massas; sempre em acção, ostenta-se magestosa e bella. Quando chegámos ao ponto designado *Pasto do Godinho*, onde o *gneiss* afflora á superficie do solo, o seu aspecto surpreendeu-nos. Nunca na India, onde ha magnificas florestas, tivemos o prazer de contemplar

tão imponentes e grandiosos massifos florestaes. Só esta esplendida floresta virgem, que atravessamos, sem ver uma clareira na extensão de 70 kilometros, se um dia chegar a ser bem regulada e convenientemente explorada, será manancial de uma riqueza inexaurivel.

A flora n'esta zona é riquissima, e as essencias florestaes attingem um desenvolvimento prodigioso. Para prova d'esta asserção bastará dizer que vimos na serraria da empresa, além de muitos toros de jacarandá-preto (*Dalbergia-nigra*) e d'outras especies do mesmo genero, um toro de ipê-peroha (*Aspidosperma Gomesianum*) de 1^m,30 de diametro e 12 metros de comprimento, cortado n'estas florestas, e como este existem outras muitas arvores de construção e marcenaria.

E tal a variedade d'essencias florestaes, que não será difficil encontrar n'estes povoamentos de arvoredo, entrelaçados por lindissimas plantas sarmentosas, os representantes de todas as familias botanicas: *Apocynas*, *artocarpeas*, *leguminosas*, *teribinthaceas*, *laureaceas*, *meliceas*, *myristaceas*, *rubiceas*, *myrtaceas*, *ignonaceas*; em fim, o reino vegetal completo. Além do coqueiro da India (*cocus nucifera*) vê-se, em grande abundancia, duas especies de palmeira denominada *piassava* (*Altagia funifera*, e *Leopoldinia Piassava*) e outras de porte elegante e magestoso, que dão á floresta um aspecto encantador.

(Continúa)

Antonio Lopes Mendes.

EXPOSIÇÃO RETROSPECTIVA

DE

ARTE ORNAMENTAL

EM LISBOA

XXXIV

Suprimindo, como já dissemos, muitas notas que havíamos tomado e observações que havíamos feito, entramos na sala H, onde se tornam a ostentar muitos productos da arte antiga hespanhola, hispano-mourisca, e hispano-gothica, alguns de summa belleza e desde o seculo X até ao XVIII.

E porque faz ao nosso proposito, convém e é de justiça dizer-se que, houve da parte da Hespanha o bom senso de se fazer representar antes pela qualidade, do que pela quantidade dos productos. Effectivamente a parte da exposição relativa á Hespanha podia encerrar-se toda talvez na sala F ou na sala M, e teria sido melhor, mas com esse pequeno numero de exemplares ella representava os variados e mais importantes ramos da sua arte, durante um periodo de novecentos annos, e proporcionava aos profissionaes um estudo perfeito e seguro.

N'esta sala ainda encontramos como portuguez e provavelmente da India uma caixa de madeira, n.º 785, com ornamentação de folhagem gravada, tendo no meio da tampa um medalhão, onde se via uma aguia. Esta caixa tinha tambem fechaduras e rosetas de ferro.

Era objecto digno do estudo e attenção dos antiquarios e archeologos, investigar a influencia e modificação que a arte portugueza recebeu da arte indiana, ou esta d'aquella desde o descobrimento da India, em que se acharam em presença uma da outra, pois é negavel que artistas portuguezes, especialmente ourives, se estabeleceram nas nossas possessões, da mesma maneira que outros indianos vieram trabalhar para Lisboa, em tempo de D. Manoel; e discriminar dentre os productos d'essa arte modificada, quaes os que seriam feitos em Portugal e quaes nas colonias.

Havia um cofre de madeira oblongo bastante curioso. A tampa está dividida em varios compartimentos, em cada um dos quaes se veem algumas scenas da vida de Christo, lavradas em alto relevo. Varias outras figuras e ornatos adornam as faces lateraes. O trabalho do cofre é todo muito delicado, e a commissão classificou-o de portuguez; tinha o n.º 381, e, sendo portuguez, é um dos trabalhos mais perfeitos da arte nacional n'aquelle genero.

Havia um pequeno contador, com ornatos dourados e todo forrado de marroquim vermelho que era curioso. Foi tambem classificado de portuguez e assignou-se-lhe a data proxima de 1560.

XXXV

Um quadro pertencente á Casa Pia e que representa Christo morto, amparado pela Virgem

e por um anjo, tendo ao pé outro anjo, está collocado no meio de uma moldura lavrada e dourada. É do seculo XVI, e apresenta bom trabalho, tinha o n.º 1 e estava fóra das vidraças.

O n.º 4 constava de duas mesas de pau santo estillo do seculo XVII. Tinha duas faces principais em curva, como quasi todos os moveis da epoca, com duas gavetas, e eram ornadas com trabalhos de talha. Podem servir separadas, formando dois *consolos*, unindo-se porém pelas faces lisas formam um centro de sala gracioso.

O n.º 5 compunha-se de duas estatuetas de faiança branca da fabrica do Rato, representando ambas um menino sentado sobre uma peanha, tendo tudo a altura de 0,45. É mais um producto d'aquella bella criação do marquez de Pombal, que surgiu e prosperou ao seu sopro vivificante que tão bom futuro promettia á arte nacional, e que infelizmente succumbiu, perante a indolencia portugueza e outras causas, que seria longo investigar. Ouvimos já desdenhar dos productos d'aquella fabrica, comtudo um artista distincto, com quem algumas vezes tivemos a fortuna de nos encontrarmos na exposição, sempre nos fez notar a belleza e correcção do desenho d'esses productos, cujo aperfeiçoamento continuado com perseverança e igual mestria, deveria estar hoje no seu apogeu. Infelizmente desapareceu a fabrica, que ainda conhecemos produzindo loiças muito ordinarias, deixando memoria de si nos raros artefactos, que os curiosos colleccionam, e na calçada que ainda conserva o seu nome.

O n.º 7 ainda nos apresentava uma terrina em faiança, da mesma fabrica, tendo a forma de uma pata, pintada de varias cores.

Do extincto convento da Madre de Deus, rico de tantos objectos de arte, prodigalizados, pela munificencia real, entre outros objectos appareceu o medalhão, n.º 9, de marmore branco com um alto relevo no qual estavam representados Nossa Senhora com o menino ao collo, e S. João Baptista ao lado, tendo todos os cabellos dourados. A moldura que cerca o medalhão é de forma circular e de faiança, com pinturas, em forma de escamas embricadas, tendo na orla uma grinalda de folhas, flores e fructos em relevo; tinha o diametro de 0,76 e é do seculo XVI.

R.

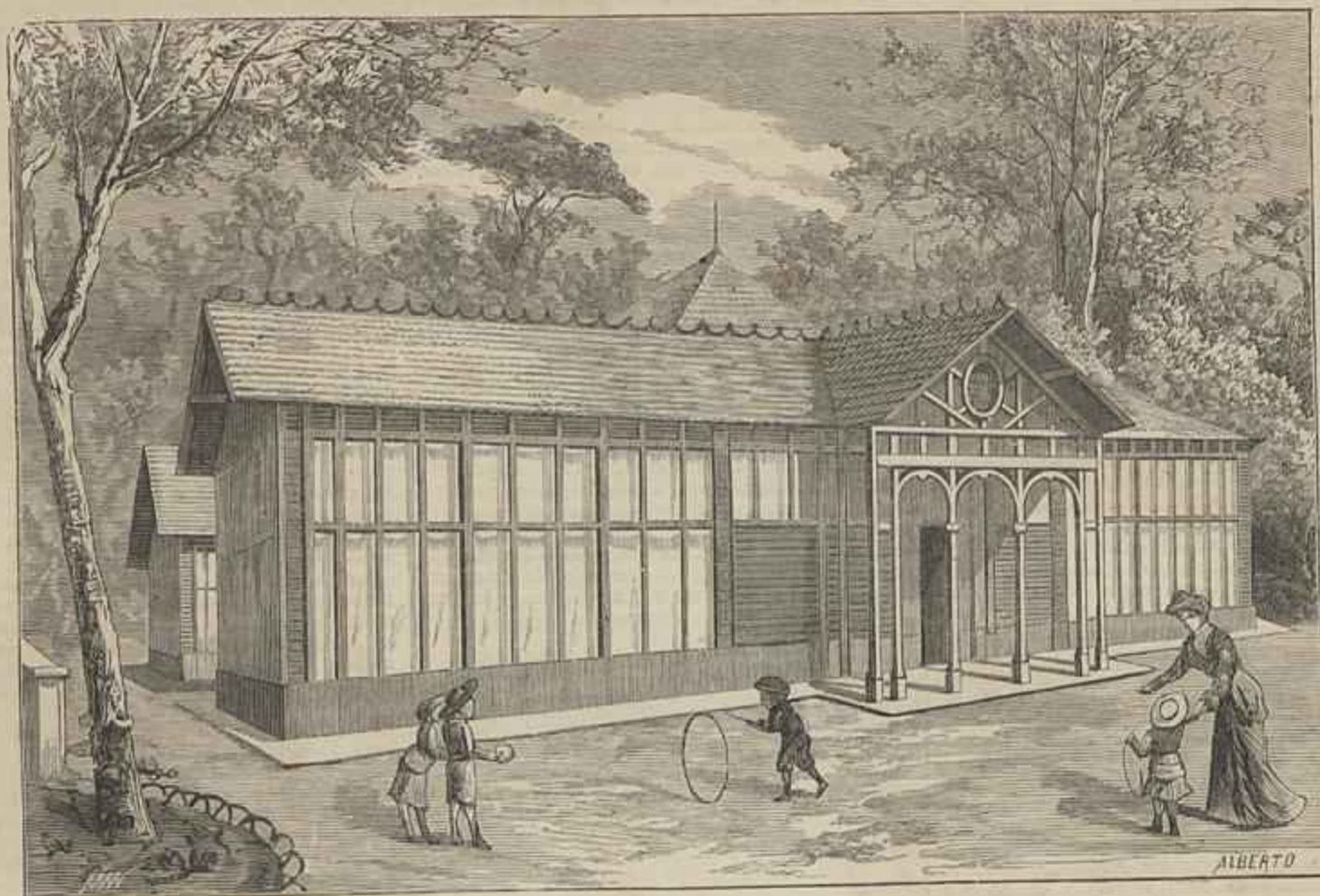
JARDIM D'INFANCIA EM LISBOA

É espantoso o movimento que em volta da instrução da infancia se está operando em toda a Europa culta. Da Allemanha, da Belgica, da França chegam-nos todos os dias noticias dos grandes progressos de educação popular; ali a propaganda está feita e pôde dizer-se affoitamente que todos comprehendem que *l'ignorance, c'est l'ennemi*, paraphraseando a phrase do grande estadista, recentemente morto, diante do tumulto do qual se curva n'este momento todo o mundo, que pensa. E comprehendem mais que é para a escola primaria que devem convergir todas as attensões porque ella, além de ser a base de toda a outra instrução, é em geral a unica instrução do povo.

O trabalho do moderno pedagogista tem sido o de cercar a creança desde o berço, apoderar-se d'ella, quando entregue a menos cuidados, para a *crèche*, conduzi-la ao *jardim d'infancia* e encaminhá-la na *escola primaria*, sem vícios de educação, com a intelligencia clara, com o corpo forte e ágil, com a noção do trabalho. A escola primaria tal como a decreta a moderna pedagogia fornece á sociedade o cidadão, armado para as luctas da vida com uma somma de todos os conhecimentos geraes e com uma actividade desenvolvida e aproveitavel. É a tutela mais honesta e mais indeclinavel que se conhece — a tutela da instrução — que vai despertar a creança ao berço do recém-nascido para a entregar homem á officina, ao gabinete, ao laboratorio. Regular essa tutela, torná-la meiga, carinhosa, util, eis o grande trabalho a que muitos homens eminentes teem dedicado e estão dedicando o seu estudo, o seu esforço, a sua vida.

Entre nós o movimento alludido accentua-se d'uma forma digna e levantada. Ha trabalhadores vigorosos empenhados no aperfeiçoamento da grande obra e, rara cousa, apparecem diariamente dedicacões a animarem os esforços dos que dão á educação popular a verdadeira proporção d'um culto.

A lei de instrução primaria de 1878 foi o toque de rebate a muitas convicções odormecidas e a causa da instrução popular, ganhando ter-



JARDIM D'INFANCIA, NO PASSEIO DA ESTRELLA EM LISBOA — INAUGURADO NO DIA 4 DE DEZEMBRO DE 1882

(Desenho do natural por J. Christlun)

reno no animo dos legisladores poudo alargar-se e expandir-se da forma mais benéfica com a descentralisação creada pela mesma lei. É devido a essa descentralisação que nós admiramos hoje, em Lisboa, as escolas centraes, cheias de creanças dos dois sexos, nas condições mais prosperas; que reconhecemos a extinção da repugnancia, tão tradicional, pela escola; que vemos o professorado dignamente retribuido; que encontramos a escola sem os velhos habitos terroristas; que temos finalmente o primeiro jardim d'infancia.

É preciso confessar-se, contudo, que o Município de Lisboa antecipou-se muito á promulgação da lei e deve dizer-se, que a sua influencia tem sido já bem mais benéfica, que a influencia do estado.

Os estreitos limites d'este artigo não permitem, que explanemos aqui o estado da instrucção primaria em Lisboa. Havemos de fazel-o em numeros subsequentes do OCCIDENTE.

Hoje só podemos occupar-nos da nova instituicao, mandada construir no Passeio da Estrella pela Camara Municipal de Lisboa e que foi franqueada ás creanças no dia 4 de dezembro ultimo; só podemos referir-nos ao Jardim Fröbel.

O Jardim Fröbel, — digamol-o antes de tudo ao leitor menos versado no assumpto — não é uma escola; é um preparatorio para a escola e uma direcção scientifica do corpo e da intelligencia da creança dos 3 aos 6 annos; no jardim dá-se á creança o desenvolvimento physico e desperta-se-lhe o espirito da observação.

Os leitores conhecem pelo excellent artigo que, n'este jornal, acompanhou o retrato do grande pedagogo allemão Frederico Fröbel no dia do seu centenario, qual é o caracter da instituicao, que ha um mez se abriu em Portugal para receber os sorrisos meigos das creanças e as bençãos carinhosas das mães. Digamos se conhecem alguma cousa mais sympathica do que essa instituicao, que tem por base o ensino amavel e doce da creança, que lhe insinua o conhecimento e a observação das cousas de mistura com as caricias e os affa-

gos da mulher — a grande educadora? O poema da infancia traçou-o Fröbel com o seu systema admiravel.

No jardim d'infancia o ensino consta de movimentos e exercicios de gymnastica, graduados e apropriados á idade das creanças, canto choral como meio hygienico de educar o ouvido e a voz e a fortificar o thorax e os pulmões; exercicios e trabalhos manuaes apropriados; principios d'educação; noções breves e ligeiras de

historia natural e geographia; conhecimento d'objectos d'uso commum; contos e narrações d'utilidade pratica e á altura das intelligencias infantis; exercicios de calculo mental; primeiros elementos de desenho, finalmente, mas em ultima escala e para as creanças de 5 annos — primeiros elementos de leitura e escripta. Qualquer das lições não pódem durar mais de 15 a 20 minutos, isto é, enquanto as creanças prestarem attenção, sem enfado nem constrangimento e todas são alternadas com marchas e outros exercicios physicos, jogos infantis, canto em coro, descanso e recreio.

O jardim d'infancia é, pois, um meio de ter entretidas utilmente, durante 6 a 8 horas, creanças de 3 a 6 annos, livrando-as ao mesmo tempo dos perigos, a que estariam expostas fóra do jardim.

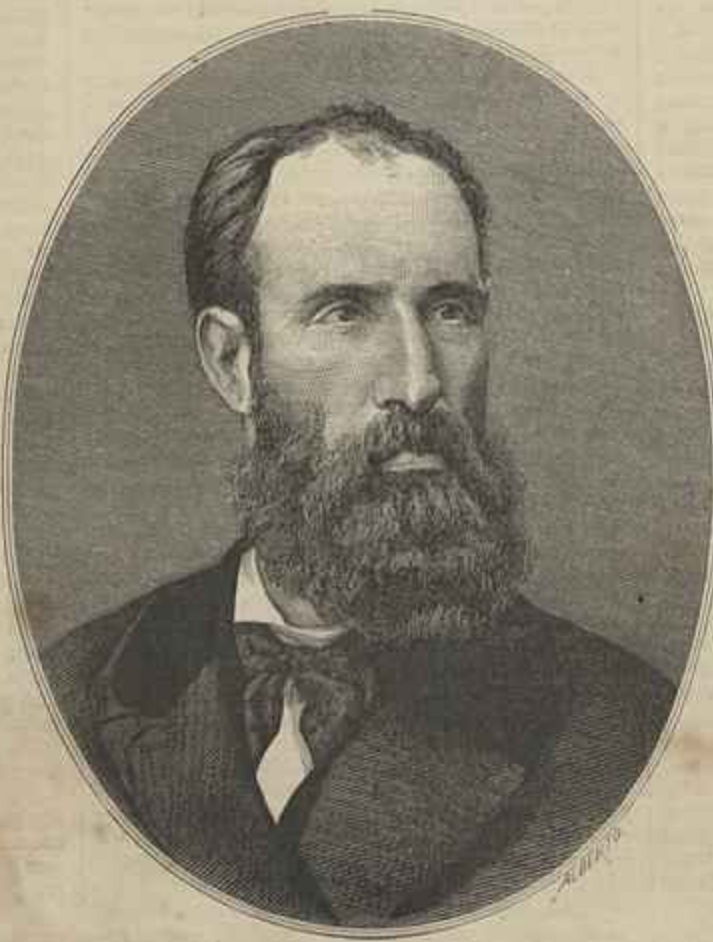
Escreveu Fröbel — a creança é uma planta humana que tem necessidade, primeiro que tudo, d'ar e de sol para crescer, desenvolver-se e expandir-se. As edificações, onde se reunir um certo numero de creanças devem ser rasgadas por numerosas janellas, afim de que se possa renovar o ar muitas vezes por dia; que sejam completamente desembaraçadas para que a luz chegue sem obstaculo e que a atmosphera ambiente receba influxo o benéfico calor do sol; cercadas de pateos cobertos sobre os quaes as creanças possam brincar e jardins onde ellas vão trabalhar ou divertir-se, sempre que a estação o permitta.

O jardim, construido no Passeio da Estrella sob a habil direcção do distinctissimo architecto José Luiz Monteiro, realisa todas as condições hygienicas e pedagogicas, a que se deve attender, e em harmonia com as indicações do grande mestre.

É actualmente frequentado por 60 creanças e tem a funcionar só duas classes com capacidade para 80 alumnos, por isso que estão a concluir as obras para a abertura das outras duas.

O ensino está confiado a duas professoras, a um professor de canto e a um professor de gymnastica, auxiliados por jardineiras.

O encargo da organisação e a di-



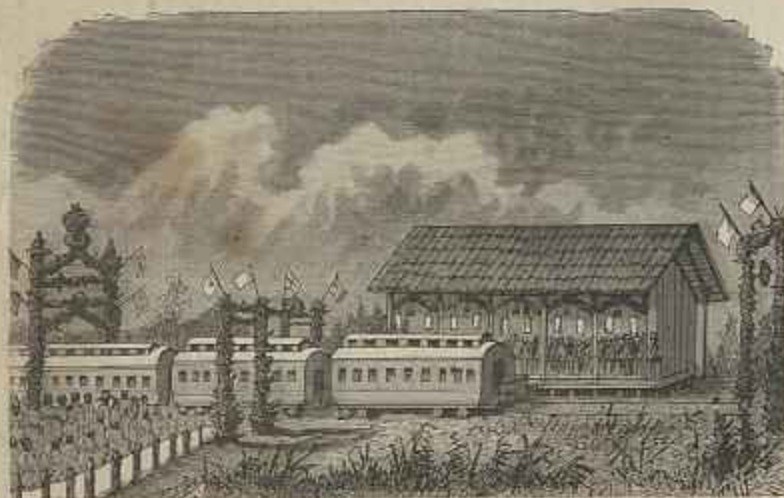
ANTONIO LOPES MENDES (segundo uma photographia de Solas)



CIDADE DE CARAVELLAS



ESTAÇÃO DA ESTRADA DE FERRO BAHIA E MINAS, EM CARAVELLAS



ESTAÇÃO DE PEDRINHA



ESTAÇÃO PROVISÓRIA DOS AVARELES

BRAZIL. — INAUGURAÇÃO DA ESTRADA DE FERRO BAHIA E MINAS. — Visto antigo, Carta de Antonio Lopes Mendes, etc. — (Segundo desenhos de Lopes Mendes)

recção do estabelecimento foram entregues a dois habilitados professores da capital — a ex.^{ma} sr.^a D. Carlota Pinheiro de Brito Freire e o sr. Alfredo Julio de Brito, actual professor da Escola Normal. Este ultimo professor é um dos ornamentos do professorado da capital e a elle se deve uma grande parte na boa organização e regularização dos trabalhos do primeiro jardim d'infancia em Portugal.

A idea da fundação d'este estabelecimento data do centenario camoneano. Foi transmitida pela commissão executiva da imprensa á camara de Lisboa, que a recebeu com applauso e deliberou pol-a em pratica em sessão de 1 de junho de 1880. Tratou-se immediatamente da escolha do local, sendo indicado a rua da Infancia a S. Vicente. Mais tarde quando a camara fez acquisição do edificio para a escola central n.^o 9, na rua do Patrocinio, pensou ella em construir ali o jardim d'infancia e só em 1882, sob proposta do sr. Theophilo Ferreira, a camara resolveu que o jardim fosse construido no Passeio da Estrella.

É ali, que está de pé o formoso monumento da infancia lisbonense para a erecção do qual tantas dedicações e tantas boas vontades se uniram, como é de crer que se unam para espalhar pela cidade e pelo paiz tantos, quantos são precisos para assegurar á Europa, que nós não descuidamos tambem o que constitue hoje a felicidade dos povos.

Caetano Pinto.

VISCONDE DE ALGÉS

(Continuação do n.^o 131, pag. 182)

Raras vezes a penna de um homem embora crente, amarrado porém á ingrata condição da vida do foro, sempre excepcional, conseguiu exarar um acto de fé assim viva e explicita, librando-se com azas impollutas n'uma região de tão inefável e elevada serenidade, que parece que a ella não chegam nem o bramido nem o espectáculo da torpeza humana! Comtudo, para ser verdadeiro, cumpre confessar que n'esta profissão concisa mas solemnisima está por assim dizer tão adaptada e infiltrada a idea religiosa nas mais communs manifestações naturaes, que mais de um animo timorato ou acanhado desconfiaria d'ella como mal limitada aos estritos e graves contornos da escolastica theologica; da mesma fórma que no inimitavel dialogo da tragedia de Goethe, em que o dr. Fausto replica á singela pergunta feita pela camponesa sobre a sua crença em Deus com a admiravel confissão da fé pantheista, que aos olhos da rude creança parece ser uma coisa igual á que prega o cura no sermão, dicta porém com palavras diferentes.

Não se auctorise alguém no emtanto por esta comparação a julgar que ou era menos pura a fé do visconde, ou que um momento só eu assim o pensasse; ao contrario poucos homens hei visto de mais imperterrita religião, em firme e intima connexão de palavras e obras; mas, se no mais lido tirocinio dos problemas philosophicos, cujo estudo constituia a sua paixão, sem cair nos delirios de nenhum systema, soube elle com vontade poderosa alliar a independencia e liberdade do seu espirito áquelle obsequio racional que o Apostolo requer para as cousas da fé sem quebra da humana dignidade, cuja força e grandeza está no cunho que lhe imprimio a divina mão que a creou; porque lhe não seria permittido a elle, quando cada creatura tem a sua linguagem, celebrar o seu Deus, e manifestar a sua crença na que lhe era mais commum, ou que reputava a mais propria; na fórma que julgava a mais nobre, e que nos meus ouvidos toada da antiga canção do Seraphim de Assis, o poeta da penitencia e do amor de Deus no universo?

Tutte le cose che nio create,
Sun fatte cun numero et mensura,
Et allor fin son tutte ordinate.
Conservase per orden tal valura,
E molto più ancora caritate
E ordenata in la sua natura.

Amor, amor, amor,
Ogni cosa clama Amore:
Amor tanto ei profundo,
Che più t'abbraccia,
Tanto più ti brama.
Amor, amor, tu ei cerchio rotundo
Con tutto el core, che tencia sempre t'ama,
Che tu sei strame, e trama per vestire,
E così dolce, che sempre crida amor, amor, amor.

Esta alliança do divino poder e do divino amor, contemplada e aprendida constantemente

na elaboração da natureza e na marcha providencial de todos os successos, ajuntou com lição eficaz a fé e caridade do visconde de Algés n'um amplexo tão fraternal, que não houve na sua vida contradicção grave capaz de apagar este sentimento inalteravel, nunca desmentido nas rijas polemicas que travou com todos aquelles, que por uma irreligião accentuada foram de raiz os seus antagonistas irreconciliaveis, ou com outros que por uma triste aberração de scepticismo ou ignorancia momentaneamente reforçaram o campo contrario da Igreja. Foi assim christão e piedoso, discutindo com um anonymo sobre as desvantagens e curto alcance da escola positivista de Comte e Littré; christão e piedoso, a proposito da publicação de um dos opusculos do seu amigo Herculano; christão e piedoso, na contenda sobre a supressão das conferencias democraticas do Casino; christão e piedoso ainda na ultima discussão, com os periodicos da chamada escola ultramontana a proposito do catholicismo liberal. Christão da escola de S. Paulo e do bispo de Hippona, parecia ter sempre presente a bella maxima d'este doutor, *Diligite homines, interficite errores*; avaliando por experiencia propria quanto a graça é um dom especialissimo e gratuito, como a razão humana é debil desacompanhada d'ella, e que ainda talvez por este motivo é que a propria Divindade a solicita, segundo a phrase da Sabedoria, *cum magna reverentia*!

Tal compaixão e respeito de Deus pela sua propria obra, constatado nas Escripturas, imitado e reflectido na doçura dos mais benemeritos apostolos do christianismo, que foram realmente os verdadeiros heroes do mundo, mostra bem quão pouco auctorizado é esse zelo indiscreto e furioso, que parece descrever que a verdade seja uma cousa eterna, que ha de a final triumphar de todas as oppressões, sem carecer de nenhuma para a sua victoria; e que atacando com fresnesi não as doutrinas, mas os individuos, prejudica com essa colera as causas mais justas, retardando sacrilegamente talvez a acção de Deus no mundo, semeando resentimentos e endurecendo o coração de homens, que transviados ou obcecados, são infelizes, e nem por isso menos filhos de Deus, que os amou a ponto de creal-os e remil-os!

Santa e salutar lição esta! O athleta, ungido com o especioso nardo da doutrina do Mestre, armado e equipado d'aquella paciencia que é melhor que a fortaleza, fortalecido da legitima fé que é a um tempo legitima caridade, sem trepidar um momento, havia na santissima doutrina de Christo uma tão segura e inabalavel confiança, que nunca os modernos erros, por negros e densos, lhe pareceram mais temerosos que os erros antigos, que do principio a Igreja levava de vencia no seu carro triumphal; e por isso punha todo o seu empenho antes em captar que em aggreir, doia-se com bondade de todos os desvarios da fragilidade commum, e mantendo com respeito as prerogativas da razão, guardava com inteireza mas sem azedume o deposito da sua fé. Era vól-o apontando o dedo á chaga verdadeira, e se percebia exagero na increpação dos estudos modernos, ou se ouvia por exemplo com desvelo insensato alvitrar das tendencias e consequencias pagãs da renascença esthetica, como emendava a mão, dizendo existirem outras renascenças mais damnosas que a da arte, que ao menos deletava e ensinava os segredos da execução; como era a da philosophia, dos erros nauseantes de Cirene e Epicuro, que não delectam, nem ensinam senão a desacatar essa igreja, onde sobre a pedra tumular dos paes se colloca o berço dos filhos; a idéa nova do atheismo e da moral independente, idéa nova de vinte e quatro seculos, em que a joven macrobia conta os annos e os dias pelos sarcasmos capupos da critical.

Outra vez que um joven litterato lhe offertara uma brochura impia, desejando a sua opinião, limitava-se a responder que o folheto era infelizmente mais uma metralhada assendada contra as suppostas aspirações politicas da Igreja; e logo aproveitando uns lanços de inevitavel melancolia, que a philosophia incredula não conseguia desanuviar no auctor, emprazava-o para a hora de verdadeira dôr, na qual confiava que a alma d'elle novamente se abria ás consolações da fé, e que já então não lhe haviam de parecer tão feios os clerigos, que outra cousa não queriam senão ensinar e propagar a religião do amor, que por esse divino titulo é religião catholica, e a unica que legitimamente aspira á universalidade.

Moderado e tolerante como acabámos de vê-lo, nem por isso o seu zelo amantissimo deixou de resentir-se em varios ensejos, confrontando a magnitudem do edificio da fé com a pequenez dos seus detractores insidiosos e assoprados; n'este

caso, por excepção, uma leve ironia aguçava a sua breve phrase, que por breve não era menos incisiva na mão adestrada de caudilho tão conspicio: replicando pois a quem de punhos cerrados ameaçava para breve com a victoria da irreligião, redarguia que vira já tambem elle certa noite em Coimbra, depois de uma festa de capello, um lente e um estudante, mettendo hombros cada qual do seu lado ao edificio da Sé Velha, com manifesta tenção de o derrubar, mas que fóra seguindo seu caminho, sem receio que as iras pagas de Baccho e de Minerva desmornassem o monumento do christianismo.

A ironia como a asperza para elle no emtanto eram só armas excepcionaes, e ou porque de facto acreditasse que todos os erros são mera ignorancia, ou porque assim o simulasse, para que o castigo ferisse mais forte a vaidade humana, acariciadora de todos os desatinos e paixões, assim o consignou mais de uma vez em termos inequivocos, mas com tal generalidade, que não escarmentasse em singular qualquer dos antagonistas a que melhor se podia referir:

«O homem não é mão, como disse Hobbes, o homem é parvo. Todos os crimes, todas as culpas, todas as turbacões da ordem, todas as alterações do estado, do direito e da moral, em todas as sociedades, desde a nação até á familia, todas estas distracções da verdade, não vem da maldade, vem exclusivamente da parvoice. Em tempos de grande energia moral apparecem individualidades que chamam genios, porque têm robustez de vontade bastante para arrebatar as multidões, e leval-as consigo á gloria ou á prosperidade; porém n'estes tempos de frouxidão geral, embora não esteja extincta no genero humano a rara especie intelligente, está extincta a energia, e abatida a auctoridade com que devia governar a populosa especie dos parvos. D'ahi resultou este convivio desagradavel entre duas especies, que embora tenham a mesma figura physica não têm a mesma figura espirital; entre duas especies que se não entendem porque não têm as mesmas idéas nem falam a mesma linguagem; mas entre especies que por terem o mesmo genero tendem fatalmente a identificar-se. Ha quem proponha que desça a especie superior. Eu proponho que suba a inferior. Com a religião e a liberdade será breve e suavissima a ascensão.»

(Continua.)

J. A. da Graça Barreto.

O MAJOR JOÃO CARLOS RIBEIRO

(Continuação do n.^o 143)

Diz o major Ribeiro no seu relatório:

«O aspecto do paiz é sempre o mesmo; montes elevadissimos, separados por fortes linhas de agua, que nas baixas dos valles se transformam em verdadeiros rios, ladeados por arvoredos de uma altura extraordinaria. Alguns d'estes rios têm troncos de arvores que dão difficil passagem a quem não tiver um verdadeiro equilibrio de acrobata. Os povos que atravessamos são pobrissimos. Não apresentam á venda senão ginguba, mandioca e alguma gallinha. Estão n'um estado de ignorancia infantil, sendo em geral docéis e muito respeitadores dos brancos, a quem temem. Não encontrei cousa alguma notavel durante o tracto, a não ser a ponte suspensa do rio Lunda...»

«Logo depois de atravessar o rio, no caminho do Lucassa, ha um desfiladeiro profundissimo entre duas montanhas, o qual nos dá uma perfeita idéa do que são as grandes florestas africanas; mais de vinte minutos gastámos em atravessal-o por baixo de uma abobada de verdura, sem lhe entrar um raio de sol.

«Fui obrigado a dormir sempre na typoi, cujo tampo me servia de abrigo, e algumas vezes, sem poder comer, porque os carregadores vão sempre muito afastados, querem parar quando lhes apetece, e marchar com a mesma liberdade. Por varias vezes tive de os ameaçar com a carabina para os obrigar a sair dos povos, pois queriam ali ficar, embora chegassemos ás duas ou tres horas da tarde.»

Nas instrucções que haviam sido dadas a este malogrado official pela direcção de obras publicas de Loanda, dizia-se-lhe, que depois de chegar a Noki devia partir no dia immediato para S. Salvador do Congo, levando elle por unico auxiliar um carpinteiro, que devia ficar em Noki. Se estas instrucções partissem do reino, comprehendia-se que se desconhecemos aqui as difficuldades de tal jornada, mas sahidas de uma repartição, que deve conhecer perfeitamente toda a provincia, não se comprehendem bem.

O major Ribeiro tendo chegado a Noki no 1.^o de setembro, depois de fazer todos os esforços

possíveis, de ter feito marchar para S. Salvador de Congo cerca de 500 carregadores, só ponde partir para ali, como dissemos, no dia 3 de outubro, ou 32 dias depois da sua chegada!

Saindo de Quinga às 6 horas da manhã era-lhe preciso ameaçar os carregadores com a sua espingarda Winchester, de que tinham muito medo, para os resolver a marchar; porque logo que paravam para comer, queriam ficar ali e seguir só no dia seguinte, de modo que se se sujeitasse ao que elles queriam, teria de gastar um mez na jornada.

Ainda assim, depois da passagem de um rio, recusaram-se a ir para diante, e Ribeiro teve que pernoitar no meio do mato, dentro da tipoia.

Seguindo no outro dia de madrugada foi pernoitar a Manselléle, e o major, não tendo outro sitio onde dormir, ficou no cemiterio dos pretos, tambem dentro da tipoia, vendo-se necessitado a acender uma fogueira, para afugentar a bicharia!

Partiu d'essa povoação às 5 horas, e atravessando outro povo, onde diziam que havia guerra, queriam que elle parasse, o que não consentiu, continuando a caravana o seu caminho. Os pretos perseguiram-a, e Ribeiro, descendo da tipoia, dirigiu-se a elles, perguntando-lhe o que queriam. Respondendo-lhe elles que desejavam aguarde, o major, para evitar demoras da marcha e ver-se obrigado a algum excesso, mandou dar-lhes duas garrafas d'ella, e uma botija de genebra, com o que ficaram muito satisfeitos, deixando-o seguir em paz.

Como lhe tinham dito que havia guerra, tanto o major, como o carpinteiro, — que não deixara em Noki, por não haver senão um na missão e estar doente, — iam armados de boas carabinas e revolvers.

Antes de chegar a um rio, cujas margens eram completamente cobertas de frondosos arvores, ouviu Ribeiro grande grita prolongada e atrozadora, que os pretos que o acompanhavam attribuíram a gente de guerra. O major apeou-se da tipoia e com a espingarda engatilhada foi ver o que era.

Effectivamente deparou-se-lhe um grupo de cincoenta negros armados, occultos no matagal. Apenas Ribeiro chegou a elles afastaram-se, mas perguntando-lhes em tom decidido o que faziam ali, responderam-lhe que andavam caçando, e não fazendo aggressão alguma, o major e a sua caravana demoraram-se apenas para almoçar, e dando alguma coisa aos caçadores seguiram ávante, chegando a Congo de Lunda, junto ao grande rio d'este nome pelas 5 horas da tarde.

O principe do povo veio logo oferecer a Ribeiro algumas gallinhas, ao que este depois correspondendo dando-lhe duas peças de algodão cru e alguma contaria. Deu-lhe tambem uma pouca de aguardente e o principe tanto a saboreou, que ficou mergulhado em profundo somno até o outro dia às 4 horas da manhã. As 4 e meia partiu a caravana. Logo atravessaram o rio de Lunda, cuja largura, n'aquelle ponto, é de uns 40 metros dando bom vaú. Uma passagem destas é muito pittoresca; os pretos com os volumes á cabeça, a agua até ás virilhas ou peitos, fazendo uma gritaria infernal, outros impellidos pela corrente, agarrando-se aos filamentos das trepadeiras, que desprendendo-se das arvores dissortem e balançam á tona d'agua, fazem um effeito estranho.

E n'este sitio que existe uma ponte pensil feita destes filamentos, que surpreheende pelo arrojio, simplicidade e originalidade do trabalho, e terá 25 metros de extensão.

A pouca distancia encontra-se o rio Lucassa. Ao aproximar-se deste encontrou Ribeiro uma verdadeira floresta, onde o sol não penetra, e em cuja passagem se gasta mais de meia hora. Por sobre aquella estensa abobada de verdura os macacos dando saltos incriveis e fazendo uma gritaria e casquinada impossivel de se descrever, dão áquelle selvatico tunnel o que quer que seja de phantastico e terno, o que confrange o animo, almejando-se por ver o sol.

A certa distancia vê-se o rio serpenteando pelo meio d'aquella vegetação gigantesca e quasi virgem, reconhecendo-se, aquem e alem n'algumas clareiras enlodadas, as pegadas do gigante d'estas florestas, o pesado elefante.

Nesse dia pararam n'um povo chamado Lau, onde havia mercado.

Negros apregoavam, trazendo alguns longas enfiadas de ratos assados, outros peixes do rio pela maior parte ja podres, enroscados em paus, porque assim gostam mais do peixe, dizendo que está *maduro*; outros carne de diversos animaes, mal assada tambem e já podre, emfim tudo uma meia selvageria, muito curioza.

O principe deste povo regalou Ribeiro com um bom cabrito e uma enorme gallinha, que o

viajante retribuiu com uma peça de algodão e contaria.

Dalli partiu no dia 8, chegando ás 11 horas da manhã a S. Salvador, tendo feito a jornada com febre.

(Continúa)

J. B.

O AMIGO VISCONDE

III

Os aposentos d'elles ficavam no segundo andar do hotel. Entrava-se pelo quarto de dormir onde havia duas camas de ferro com cortinados brancos arrumadas á parede, uma de cada lado da porta. Seguia-se uma sala espaçosa, quadrada, alta, forrada de papel cinzento com um tapete escuro esfarrapado em parte, uma mesa redonda ao centro, e, no meio das duas janellas de peitoril que abriam para o Tejo, ficava um armario grande de mogno com porta de espelho. Por entre os cortinados de *reps* verde, em cujos vincos o sol tinha comido a côr, coava-se a luz da madrugada.

Em quanto Valentina retirava das malas a roupa da noite e dispunha os arranjos de *toilette* sobre o toucadôr, Alvaro debruçou-se á janella.

Sobre os montes da *Outra-Banda*, ainda esfumados nas sombras agonisantes da noite, vinha repontando a claridade do dia. Um ligeiro esbatido côr de opala resurgia no horizonte, sobre a massa escura do pinhal do Alentejo. No alto céu e no poente algumas estrellas brilhavam ainda com uma luz tremula e desmaiada; e o crescente da lua, recortado no fundo azul do firmamento, tinha uma côr fixa e baça de lamina de prata.

O Tejo accordava lentamente. Passavam algumas faluas, ao longe, em direcção a Cacilhas. Uma brisa fresca, que vinha do mar, encrespava a superficie côr de bronze da agua e agitava de leve as enxarcias dos navios, cuja mastreação se destacava nitidamente no espaço azul. Como enchia a maré, a agua, de quando em quando, batia e marulhava d'encontro ás pedras do caes, esparrinhando o parapecito...

Mas, de repente, em meio do vasto silencio que envolvia a cidade inteira, os clarins do Castello vibraram o toque da alvorada; os cães de bordo vibraram em seguida; e o rufo dos tambores, que esmorecia rolando sobre o Tejo, echoava depois, ao longe, nas quebradas da Outra Banda.

Uma carruagem carregada de malas parou á porta. O visconde e Leonide apearam-se. E quando Leonide, antes d'entrar, passou os olhos pelas janellas do hotel, Alvaro acenou-lhe com a mão. Em seguida, pretextando frio, fechou a vidraça.

Valentina estava inquieta e afflicta. Faltava-lhe ali o aconchego affectuoso da casa; e a assistencia n'um quarto d'um hotel contrariava-a e desconsolava-a, como uma indiscipção. Realmente, não conhecia nada menos intimo do que aquelle quarto, onde entrava pela primeira vez, e cuja porta abria logo para o corredor — um corredor d'hotel que é, como uma rua, franco e publico á passagem dos indifferentes e desconhecidos! Depois, quantas pessoas se teriam deitado na mesma cama? se teriam visto ao mesmo espelho? e lavado na mesma bacia?... E toda a mobilia, que tinha servido a tanta gente, o proprio ar onde tinham respirado tantas pessoas, tudo lhe parecia extranho, passageiro e publico. A esta ideia horrorosa, sentiu como um ataque ao seu pudôr. Procurou então por toda a parte um vestigio sympathico qualquer, pelas mezas, pelas commodas; mas encontrou apenas um gancho de cabelo esquecido n'uma gaveta do toucadôr, um sobrescripto com uma nodosa de gordura alastrada sobre um R escarlate, e no vidro do espelho, gravadas com a pedra d'um anel, duas iniciaes entrelaçadas, e, mais abaixo, n'uma calligraphia tosca: *La femme! Le plaisir!* Que desilusão! E o vidro d'aquelle espelho, que tantos rostos differentes tinha reproduzido, conservava apenas um vestigio indelevel d'uma inservencia vergonhosa! Era triste!

Alvaro retirou da mala a sua camisa de noite, e collocou-a sobre uma das camas.

— Tu qual preferes? — perguntou elle.

Valentina mal pôde dissimular o abalo que lhe causou a pergunta.

— Qualquer — disse ella, sem olhar, com um tom de voz indifferente.

Era horriavel! Depois que casára, era a primeira vez que não dormia no mesmo leito! Aquella desunião inesperada, forçada pelas circumstancias, e para a qual Alvaro se mostrava tão indifferente, feria-a como um golpe profundo que lhe amputasse metade da existencia. Confrangia-se-lhe o coração, só com a idéa de se ver um instante abandonada e esquecida talvez! E ao pensar na sua separação, ao considerar que

lhe iam faltar o calor e as caricias do leito conjugal, sentiu a sua alma estremecer de dôr, como uma ave expulsa do ninho e abandonada na escuridão da noite fria!

No tapete do corredôr sentiam-se os passos abafados dos viajantes que chegavam. A porta do quarto immediato abria-se com ruido; e ao peso das malas que se poisavam, o soalho estremecia um pouco.

A cama de Alvaro ficava justamente encostada á parede d'aquelle quarto.

— É extraordinario — pensava elle n'um impeto de contentamento. Parecia que o proprio destino so comprazia em aproximar-o d'aquella mulher!

Valentina despiu-se de vagar. Depois, em camisa, com os pésinhos nus mettidos n'umas chinellinhas de setim azul, o cabelo torcido e atado na nuca, dirigiu-se para Alvaro e lançou-lhe as mãos aos hombros, collando-se a elle. A camisa descaiu lentamente nos braços, e os hombros e os seios redondos e tremulos ficaram a descoberto. Assim, com um gesto meigo e amoroso, como um sacrificio do pudôr, inclinou a cabeça para traz, e com os olhos pregados nos olhos do marido, poisou-lhe um beijo muito longo no meio da bocca. Mas Alvaro, quasi frio aquelle accesso de ternura, passou-lhe um braço á cinta, e conduziu-a até á outra cama.

— Faze por dormir, filha! Deves estar muito cansada!

Valentina ficou deitada sobre o lado direito, voltada para a parede.

No entretanto, no quarto proximo fallava-se baixo, e ouviam-se os passos.

Alvaro deitou-se de costas, com os braços estendidos fóra da roupa.

Pouco a pouco, fez-se silencio. Alvaro, com os olhos fitos no cortinado do leito e o ouvido attento, esperava qualquer ruido que lhe denunciasse os movimentos de Leonide.

Olhou para Valentina. O volume do seu corpo modelava-se suavemente debaixo da coberta branca da cama.

— Valentina — chamou elle em voz baixa, com receio de a acordar — Valentina...

Mas Valentina não se mexeu; e percebia-se até a sua respiração tranquilla e compassada.

N'este instante, no outro quarto, ouviu-se ranger o leito...

E quem podesse entrar simultaneamente nos dois quartos, presenciaria um quadro extraordinario! D'um lado, Alvaro, fincado no cotovello, o peito fóra da cama e o ouvido collado á parede, escutava, como um espião astuto, com um sorriso vago de inveja e um olhar aceso pela concupiscencia. Do outro lado, como se fosse uma projecção d'esta figura, o visconde de Tagilde fazia justamente a mesma cousa!...

(Continúa.)

Alberto Braga.

EPHEMERIDES ARTISTICO-LITTERARIAS

(RELATIVAS A PORTUGAL)

1837—Janciro 11 — É creada a *Escola Polytechnica de Lisboa*, que sae da *Academia Real da Marinha*.

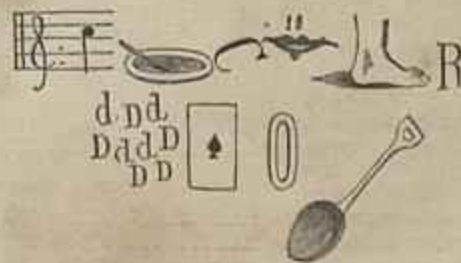
12 — É creada a *Escola do Exercito*, pelo visconde de Sá da Bandeira, então ministro interino da guerra.

Sahiú da extincta *Academia de Fortificação, Artilheria e Degenhos* formando com a *Escola Polytechnica* um curso completo de sciencias phisicas e mathematicas, applicadas á arte da guerra.

12 — É designado o Convento dos Caetanos para n'elle se estabelecerem as aulas do *Conservatorio Geral da Arte Dramatica*, que havia sido creado por decreto de 15 de novembro de 1836, e para as de *Conservatorio de Musica*, que havia sido instituido na Casa Pia, por dec. de 5 de maio de 1835.

13 — É creada a *Academia Polytechnica* do Porto, pelo então ministro do reino Manoel da

ENIGMA



Explicação do enigma do numero antecedente: Até vêr não é tarde.

Silva Passos. Esta academia sahú da antiga Academia Real de Marinha e Commercio do Porto.

1861 — 14 — É inaugurado o Curso Superior de Letras, em uma das salas da Academia Real das Sciencias.

Este Curso havia sido creado por S. M. el-rei D. Pedro V em 8 de junho de 1859, dotando-o do seu bolsinho com a somma de 63:800\$000 réis em inscrições.

Teixeira de Vasconcellos no seu excellente livro *Portugal et La Maison de Braganca*, diz exactamente no Cap. xxviii, pag. 482, que este Curso foi creado em 18 de junho de 1859.

1856 — 15 — Chega a Lisboa, vindo do Brazil o celebre pianista allemão Sigismundo Thalberg, com o designio de dar alguns concertos no theatro de S. Carlos, os quaes effectivamente começou em 19 do dito mez sendo o ultimo em 6 de fevereiro seguinte.

1816 — 16 — Morre no hospital de S. José o poeta setubalense Thomaz Antonio dos Santos, auctor da *Sepultura da Lesbia e Braziliada*.

1818 — 16 — Morre o erudito e fecundo escriptor Antonio Ribeiro dos Santos, na sua casa na rua do Sacramento n.º 23.

Existe o seu sepulchro no Carneiro da igreja da Lapa.

Teve na Arcadia o nome de *Elpino Durianse*. Foi insigne magistrado e poeta e chegou a rivalisar com o mavioso Antonio Ferreira na elegancia e pureza de linguagem.

1646 — 17 — Carta Regia de D. João I á universidade de Coimbra na qual ordena que todos os lentes e estudantes, quando tomarem qualquer grau, jurem defender o dogma da Immaculada Conceição de Nossa Senhora.

1856 — 18 — Morre em Paris o distincto escriptor D. Manoel Francisco de Barros e Sousa de Mesquita de Macedo Leitão e Carvalhosa, 2.º visconde de Santarem.

Havia nascido em 18 de novembro de 1791.

1864 — 19 — Primeiro concerto dado por mr. Pico na sua *tibia pastoril* no theatro D. Maria II, tirando d'aquelle fragil instrumento sons, em extremo melodiosos.

1790 — 20 — Abertura solemne da Academia de Fortificação e Desenho Militar, mais tarde denominada *Escola do Exercito*.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

O Instituto *Revista Scientifica e litteraria*, vol. xxx segunda serie n.ºs 3, 4 e 5 correspondentes aos mezes de setembro, outubro e novembro de 1882. Coimbra. — Entre muitos artigos de valor, quasi todos continuados dos numeros antecedentes e já aqui mencionados, encontra-se em o n.º 5, uma noticia biographica sobre Car-

los Ribeiro, de quem o OCCIDENTE ha pouco publicou o retrato e biographia, por occasião do seu fallecimento.

DICCIONARIO UNIVERSAL PORTUGUEZ, collaborado pelos principaes escriptores. — Livraria Zeferino editora, Lisboa. Fasciculos 44 e 45, sendo este ultimo a conclusão do primeiro volume, que se divide em dois tomos de mil paginas cada um.

Com a conclusão d'este volume conclue tambem a letra A, que occupa 2:154 paginas de folio grande, pelo que se pôde fazer ideia do desenvolvimento d'este dictionario.

A assignatura continua aberta na livraria Zeferino.

ALBUM DAS GLORIAS. Desenhos de Bordallo Pigneiro, texto de João Ribaixo e lytographias de

vae tomando pelas bellas artes, apreciando-as e ainda mais do que isso, gastando dinheiro n'ellas.

EURICO. *Boletim da Sociedade Litteraria Alexandre Herculano*, N.º 4 com diversos artigos de litteratura e poesia, firmados por nomes ainda pouco conhecidos no mundo das letras, mas que se começam a revelar com distincção.

SCIENCIA PARA TODOS redactor Francisco d'Ameida, Lisboa, n.ºs 44 a 48, d'esta importante publicação que presta a todos os respeitos, um relevante serviço á causa da instrucção popular.

ALMANACH BUROCRATICO E COMMERCIAL DA EMPREZA LITTERARIA DE LISBOA para 1883, Empresa Litteraria de Lisboa, editora, Lisboa. Este almanach tem 500 paginas em 4.º, contendo todas as tabellas e esclarecimentos necessarios de caminhos de ferro, telegraphos, correios, carreiras de vapores, com panhias, bancos e mais dependencias commerciaes, secretarias de estado, tribunaes, etc. e uma secção de litteratura e annuncios.

É um dos melhores almanachs, no seu genero, que se publicam em Lisboa.

ALMANACH PREÇO CORRENTE publicado pelos srs. Jeronymo Martins & Filhos. É um brinde que estes srs. fazem aos freguezes do seu estabelecimento de viveres, o mais antigo de Lisboa, pois que foi fundado em 1792.

ALMANACH DA TYPOGRAPHIA CASTRO IRMÃO para 1883, Lisboa. Este almanach que o sr. Castro Irmão distribue gratuitamente todos os annos, vem este anno primoroso como execução typographica.

Este almanach que cabe na algibeira do relógio ou na carteira por mais pequena que seja, é mais que um simples bonito, é um specimen typographico, porque resolve difficuldades technicas da arte typographica, que só as sabe avaliar quem professa a mesma arte.

Trabalhos d'este genero que, no estrangeiro se fazem com o auxilio da stereotypia, sabemos que os faz o sr. Castro sem esse recurso, imprimindo directamente das formas typographicas com a exactidão de registro que se vê nas paginas do seu almanach.

O almanach da typographia Castro Irmão é feito no mesmo gosto do da Casa Havaneza, que tambem é executado na mesma officina, assim como mais alguns n'este genero que tambem ali são feitos. Em todos elles ha a mesma perfeição e nitidez, que muito honra esta officina e denotam o progresso que a typographia tem attingido em Portugal.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

1882, LALLEMENT FRÈRES, Typ. LISBOA

6, Rua do Thezouro Velho, 6



BRAZIL — CIDADE DA VICTORIA — Vid. artigo Carta de Antonio Lopes Mendes, etc.

(Segundo desenho de Lopes Mendes)

J. Guedes, Lisboa, N.ºs 31 e 32, com dois bellos desenhos em chromo representando o tenor Gayarre, e o conhecido typo do Jose Povinho, a criação mais comica de Raphael Bordallo Pigneiro. Os dois artigos que acompanham estes desenhos, firmados por João Ribaixo, são da mais fina critica.

OS CAVALLEIROS DO AMOR por Alvaro Carrillo, traducção de Cunha e Sá, David Corazzi editor, Lisboa. 4.º e ultimo vol. d'este romance historico, um dos melhores da litteratura hespanhola.

CATALOGO ILLUSTRADO da Exposição de Quadros Modernos, publicado por Alberto d'Oliveira, Lisboa. Este catalogo contem desenhos de alguns dos principaes quadros, que formam a exposição que o publico de Lisboa, tem visitado com uma solicitude pouco vulgar, e onde tem comprado já uma boa parte dos quadros expostos.

Esta exposição, a organização da qual, se deve em grande parte á actividade e bons desejos do sr. Alberto d'Oliveira, tem dado os melhores resultados, porque constituindo já um mercado annual para um determinado grupo de artistas exporem e venderem as suas tellas, denota ao mesmo tempo a tendencia, que o nosso publico

PREÇO DA ASSIGNATURA D'ESTE PERIODO PARA 1883

Moeda forte, franco de porte:

CONTINENTE DE PORTUGAL E ILHAS

Anno ou 36 numeros..... 38800
Semestre ou 18 numeros..... 18900
Trimestre ou 9 numeros..... 9950

POSSESSÕES ULTRAMARINAS

Anno ou 36 numeros..... 48000
Semestre ou 18 numeros..... 28000

ESTRANGEIRO, UNIÃO GERAL DOS CORREIOS

Anno ou 36 numeros..... 58000
Semestre ou 18 numeros..... 28500

BRAZIL (MOEDA FRACA)

Anno ou 36 numeros..... 158000
Semestre ou 18 numeros..... 78500

PREÇOS DOS VOLUMES

1.º 2.º e 3.º VOLUMES

Cada um encadernado..... 48000
" " bruchado..... 38000

4.º e 5.º VOLUMES

Cada um encadernado..... 58000
" " bruchado..... 48000

Para o estrangeiro, pelo correio accresce 18000 réis por cada volume.

As pessoas que quizerem adquirir a collecção completa do OCCIDENTE o poderão fazer do modo que mais lhe convier, ou seja por volumes ou por series de numeros seguidos pelos seguintes preços:

Séries de 12 numeros relativos aos 1.º, 2.º e 3.º volumes 18500 réis. Séries de 6 numeros 750 réis. Séries de 18 numeros relativos aos 4.º e 5.º volumes 28000 réis. Séries de 9 numeros 18000 réis.

CAPAS CARTONADAS

PARA ENCADENAÇÃO DO

OCCIDENTE

A Empresa do OCCIDENTE tem á venda capas especiaes para encadernação em separado de cada um dos volumes do OCCIDENTE, 1.º, 2.º, 3.º, 4.º e 5.º

PREÇO DE CADA CAPA 800 RÉIS

Para fóra de Lisboa enviam-se francas de porte a quem remetter a sua importancia em estampilhas ou vales do correio.

Tambem se fazem encadernações com estas capas por 18200 réis.